



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Jean Henrique Lourenço Silva

**MUTAN: Potência narrativa e protagonismo LGBTQ+ em contos ficcionais e
testemunhos de experiência**

PRODUTO JORNALÍSTICO

Mariana

2020

Jean Henrique Lourenço Silva

MUTAN: Potência narrativa e protagonismo LGBTQ+ em contos ficcionais e testemunhos de experiência

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça

Mariana
2020

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S586m Silva, Jean Henrique Lourenço.
MUTAN [manuscrito]: potência narrativa e protagonismo LGBTQ+ em contos ficcionais e testemunhos de experiência. / Jean Henrique Lourenço Silva. - 2020.
35 f.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Minorias sexuais e de gênero - Narrativas pessoais. 2. Identidade de gênero. 3. Ficção. I. Mendonça, Felipe Viero Kolinski Machado. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 305

Bibliotecário(a) Responsável: Michelle Karina Assunção Costa - CRB 6 - 2164



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO



FOLHA DE APROVAÇÃO

Jean Henrique Lourenço Silva

Mutan : Potência narrativa e protagonismo LGBTQ+ em contos ficcionais e testemunhos de experiência

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de jornalista

Aprovada em 23 de setembro de 2020

Membros da banca

Doutor Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto
Doutora Karina Gomes Barbosa - Universidade Federal de Ouro Preto
Doutora Marta Regina Maia - Universidade Federal de Ouro Preto

Doutor Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 13 de março de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **Felipe Viero Kolinski Machado Mendonça, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 13/03/2021, às 13:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0146378** e o código CRC **5CD31AF3**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.002344/2021-83

SEI nº 0146378

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35400-000
Telefone: - www.ufop.br

Agradecimentos

À minha avó, Maria das Dores (Mãe Dora), responsável por minha educação de base, incentivo aos estudos e apoio incondicional.

À Universidade Federal de Ouro Preto, por proporcionar ensino gratuito excelente. Em especial os funcionários do ICESA (sempre acolhedores) e o corpo docente do curso de Jornalismo.

Ao meu orientador, Prof^o Felipe Kolinski, por sempre demonstrar entusiasmo com este trabalho e me inspirar a acreditar no meu potencial.

À minha mãe, Silmar, que me instigou a aventurar na leitura ainda criança.

À assistência estudantil, moradia e bolsa permanência, que me ajudaram a vivenciar a universidade pública com qualidade. E ainda, as políticas de ação afirmativa, cotas sociais e raciais, que me permitiram visualizar a oportunidade do ensino superior.

Às bichas que me inspiram e ensinam sobre mim mesmo: Christopher Souza, Gabriel Conbê, Igor Lourenço, Igor Mattos.

À República Bataclan, minha casa durante a graduação. Sou grato as conversas, troca de experiências, testemunhos de vida, acolhimento. Agradeço especialmente aos amigos, Fernando Batisteli, Emanuelle Machado e Higor Rodrigues (Platinada).

Aos projetos de extensão que participei, Núcleo de Leitura Crítica da Mídia e Narrativas Convergentes e Ariadnes, que ampliaram minha visão de mundo e me fizeram estar em contato com a comunidade de Mariana.

À minha família, obrigado pelo apoio.

E aos participantes deste trabalho, que colaboraram relatando sobre ser LGBT, vocês foram essenciais.

RESUMO

Através da potência narrativa, este trabalho tem objetivo de estabelecer o protagonismo LGBTQ+ por meio do testemunho de experiência e da ficção. Pretende discutir três temáticas principais. A primeira, a importância da narrativa na construção de novos sentidos no processo de narrar a si mesmo, a memória como construção subjetiva de cada um, e o testemunho. A segunda, noções de identidade e gênero, partindo de autores como Paul. B. Preciado e Hija de Perra, para abordar vivências bicha, pluralidade de vozes (e corpos) no meio LGBTQ+. E a terceira, conto e ficção. A criação do conto literário como espaço de histórias imaginativas, exercício de narração e autoconhecimento. Ao longo do processo de criação deste memorial, e do livro de contos que também abriga testemunhos de sujeitos LGBTQ+, percebe-se a necessidade de abordar a narrativa como caminho principal, a fim de introduzir minhas experiências juntamente com as discussões teóricas. Como resultado, o trabalho aprimorou a escuta jornalística humanizada, o estudo da relação entre ficção e não ficção, os afetos gerados no ato de testemunhar, e as etapas da escrita do livro, bem como conceito dos contos, referenciais, auto investigação e memórias.

Palavras-chaves: Narrativa, LGBTQ+, Testemunho, Ficção

RESUMEN

A través del poder narrativo, este trabajo tiene como objetivo establecer el protagonismo LGBTQ + a través del testimonio de la experiencia y la ficción. Tiene la intención de discutir tres temas principales. La primera, la importancia de la narrativa en la construcción de nuevos significados en el proceso de narrarse, la memoria como construcción subjetiva de cada uno y el testimonio. La segunda, nociones de identidad y género, de autores como Paul. B. Preciado e Hija de Perra, para abordar experiencias queer, pluralidad de voces (y cuerpos) en el entorno LGBTQ +. Y el tercero, cuento y ficción. La creación del cuento literario como espacio de testimonios imaginativos, ejercicio de narración y autoconocimiento. A lo largo del proceso de creación de este memorial, y el libro de cuentos que también alberga testimonios de sujetos LGBTQ +, existe la necesidad de abordar la narrativa como camino principal, con el fin de presentar mis experiencias junto con discusiones teóricas. Como

resultado, el trabajo mejoró la escucha periodística humanizada, el estudio de la relación entre ficción y no ficción, los afectos que se generan en el acto de presenciar y las etapas de redacción del libro, así como el concepto de cuentos, referencias, autoinvestigación y recuerdos.

Palabras claves: Narrativa, LGBT, Testimonio, Ficción

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 NARRAR IMPLICA VIVER	9
1.1 Narrativas do Corpo	12
2 DEVIR BICHA	14
2.1 Sou bicha, queer, sudaca	15
2.2 Dar o cu é uma revolução	17
3 CONTAR E FICCIONAR	18
4 MUTAN: DIÁRIO DE BORDO	22
4.1 Conto 1: MUTAN	25
4.2 Conto 2: Vera	26
4.3 Conto 3: Membrana	27
4.4 Conto 4: Doris	27
4.5 Conto 5: Observadora Alienígena	28
4.6 Os testemunhos	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
6 REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

Sempre é tempo de narrar. Acontecimentos, experiências pessoais, histórias, sonhos, o que é visto, o que é sentido. “A narrativa é a representação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos, reais ou fictícios, por meio da linguagem e, mais particularmente, da linguagem escrita” (GENETTE apud SILVA, 2007, p. 50).

O olhar do jornalista (sujeito autor, ouvinte, responsável por transmitir notícias, histórias, ações do tempo, espaço, personagens) é também o olhar de um narrador, condicionado por determinados “mapas de sentido”: questões culturais, profissionais, vivências, subjetividades, crenças. (ARAÚJO, 2011).

O indivíduo que narra uma experiência está construindo certo entendimento da experiência em si (GAI, 2010). “Mesmo o simples testemunho pressupõe a experiência, seja em relação ao fato propriamente dito, seja em relação à constituição psicológica ou mental de quem narra” (GAI, 2010, p. 137).

Frente a isso, a construção do livro MUTAN, composto por cinco contos ficcionais e dez testemunhos de experiências é conceituada na importância de narrar experiências de sujeitos LGBTQ+¹. Contar histórias ficcionais ou não, que possam mobilizar os leitores, inspirar pensamentos, atizar neles a vontade de narrar a si mesmos.

Sendo assim, MUTAN é narrativa de ficção e não ficção. Jornadas entre testemunhos e histórias, as minhas e de outros LGBTQ+. A escolha deste produto surge da minha necessidade de auto investigação, de projetar mundos e ficções que almejo, das constantes conversas com amigos LGBTQ+, e de colocar nossas vivências em perspectiva.

No primeiro capítulo deste memorial são discutidas questões relacionadas ao narrar, ao testemunho e testemunho, especialmente a partir das/dos autoras/autores Ana Paula de Castro Mansur, Seligmann-Silva e Paul Ricouer. A importância da narrativa para a construção da subjetividade de cada um, de sua memória, de seu corpo.

O segundo capítulo, ancorado nos trabalhos de Paul B. Preciado, Hija de Perra e João Vitor Varjão, irá abordar sexualidade e gênero, partindo de minha vivência como bicha, para então discutir identidade e afetos.

O terceiro capítulo é voltado para discutir conto e ficção, na tentativa de falar sobre o real, a invenção, referenciais e processos de auto registro. Nesse ponto, como principais

¹ LGBTQ+ = Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer e mais (que considera um número maior de identidades, como por exemplo, Intersexuais, Pansexuais, etc).

referenciais teóricos, recorreremos às investigações de Júlio Cortázar, Nádía Gotlib e Jota Mombaça.

Já o quarto capítulo apresenta de maneira mais detalhada o desenvolvimento do produto MUTAN, o conceito por trás do título, a motivação dos contos, a experiência das entrevistas para os testemunhos e a escolha das temáticas. Trata-se de um texto que, tal qual um diário, sinaliza os caminhos então percorridos ao longo do desenvolvimento deste trabalho de conclusão.

Um dos objetivos deste trabalho é discutir a construção da narrativa, o seguimento de uma história. Como ensina Paul Ricoeur (2012, p.304)

Seguir uma história é prosseguir em meio a contingências e peripécias, sobre a pressão de uma espera que encontra sua plenitude na "conclusão" da história. Mas a conclusão não é a implicação lógica de quaisquer premissas anteriores. É o "ponto final" que fornece o ponto de vista de onde a história pode ser percebida como um todo. Compreender a história é compreender como e porque os episódios sucessivos conduzem a essa conclusão, a qual ao não ser previsível deve ser finalmente aceitável, graças a sua relação de conveniência com os episódios imitados pela história.

Compreender a narrativa de determinado indivíduo é estar atento aos vários processos de construção de cada um, que esbarram nas vivências de quem escuta, e por sua vez, há uma troca de experiências.

1 NARRAR IMPLICA VIVER

A coletânea de contos populares *As Mil e Uma Noites*, originária do Oriente Médio, apresenta a personagem Sherazade. Na trama, o rei Shariar, enraivecido pela traição de sua primeira esposa, decide matar uma noiva a cada noite. Para sobreviver, Sherazade resolve contar histórias fantasiosas e imaginativas ao rei, interrompendo a trama ao amanhecer para continuá-la na noite seguinte. Deste modo, consegue escapar da morte. Narrar para a personagem é se manter viva, o antídoto contra a brutalidade do rei, a fuga.

No livro *A Teoria do Conto*, de Nádía Gotlib (1990, p. 30), a autora apresenta a hipótese de que “antes havia um modo de narrar que considerava o mundo como um todo”. Tendo como base o texto de Rosenfeld Anatol (1973), a autora conclui que “depois, perde-se este ponto de vista fixo; e passa-se a duvidar do poder de representação da palavra: cada um representa parcialmente uma parte do mundo que, às vezes, é uma minúscula parte de uma realidade só dele.” (GOTLIB 1990, p. 30).

A narrativa acontece de forma individual e coletiva. Nós produzimos narrativa a todo momento e em diferentes âmbitos da vida social, no passado, nas expectativas, no futuro.

“Uma narrativa não é uma simples modalidade textual. É um modo de apreender o mundo, de dar sentido à vida.” (LEAL, 2013, p. 29)

Narrar é produzir novas experiências, agir sobre os acontecimentos, ou seja, criar realidades, mundos, articular eventos e nos situar (LEAL, 2013). Leal (2013, p. 33) ressalta que “o receptor não é o fim da narrativa, mas a condição para sua perpetuação. É a partir das histórias com as quais temos contato que contamos outras.”

A narrativa está presente no Jornalismo, em termos como “forma”, “texto”, “linguagem”, “escrita”. Sobre esta perspectiva, Leal (2013, p. 28) diz que

a narrativa é um fenômeno que transcende em muito o fazer jornalístico e sua conformação textual. Narrar é estabelecer um modo de compreensão do mundo, de configurar experiências e realidades, de comunicar-se com o outro. As narrativas, portanto, encontram-se difundidas por diferentes realidades e tempos históricos, têm claramente uma dimensão antropológica e envolvem tanto pragmática quanto um conjunto de mediações diversas.

O processo de narrar uma história, um acontecimento, uma parte da vida de certo indivíduo está intimamente ligado à memória. Sobre este mecanismo, é interessante pautar que “a memória não constitui um retrato fidedigno do passado. Ela é, ao contrário, uma construção sobre a qual influem diferentes fatores. Relatar uma história significa organizar uma sequência de fatos em uma narrativa lógica.” (MANSUR, 2012, p. 24)

No produto MUTAN a noção de narrativa abrange o *testemunho*, especialmente testemunhos de sujeitos LGBTQ+ sobre suas vivências, seus corpos, seus traumas. O protagonismo de nossas falas. Mais precisamente, nossas estratégias de resistência e disputa onde buscamos reafirmar nossas identidades e pleitear uma nova versão da história contra discursos oficiais e hegemônicos (FOLLAIN, 2009).

Sobre o testemunho, Seligmann-Silva afirma que ele é uma condição de sobrevivência (SELIGMANN-SILVA, 2008) Para o autor, “todo testemunho é único e insubstituível. Esta singularidade absoluta condiz com a singularidade da sua mensagem. Ele anuncia algo excepcional.” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 72). Ou seja, quando entrevisto sujeitos LGBTQ+ e conversamos sobre medo e trauma, o testemunho é uma forma de sobreviver. Pois “sem a vontade de escutar, sem o desejo de também portar aquele testemunho que se escuta, não existe o testemunho. O dialogismo do testemunho o transporta para o campo da pragmática do testemunho.” (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 72).

A questão de unir testemunho e literatura (o produto apresenta dez testemunhos de sujeitos LGBTQ+ e cinco contos) é colocar em evidência não só a linearidade do narrar, mas conceder espaço para a imaginação. “O trauma encontra na imaginação um meio para sua narração. A literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço.”

(SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 70). Mesmo que uma parcela de crítica ao testemunho iniba a imaginação (e ficção), sobretudo o discurso jurídico, onde as “provas” detêm importância, ainda assim, imaginar, fragmentar, é auxílio para lidar com o real da vivência traumática (SELIGMANN-SILVA, 2008).

As relações entre literatura e testemunho perpassam várias áreas de estudo, lidando com aspectos da memória, literalização e a fragmentação.

O testemunho tem sido pensado, na Europa e Estados Unidos, tanto a partir de leituras que cruzam os discursos da teoria da literatura, da disciplina histórica e da teoria psicanalítica, como também dentro da onda de pesquisas dentro dos estudos sobre a “memória” que têm se intensificado muito nas últimas duas décadas, sob a influência das abordagens culturalistas. O discurso testemunhal é analisado, nesse contexto, como tendo a literalização e a fragmentação como as suas características centrais (e apenas à primeira vista incompatíveis). Ele é ainda marcado por uma tensão entre oralidade e escrita. A literalização consiste na incapacidade de traduzir o vivido em imagens ou metáforas. A fragmentação de certo modo também literaliza a psique cindida do traumatizado e a apresenta ao leitor. A incapacidade de incorporar em uma cadeia contínua as imagens “vivas”, “exatas”, também marca a memória dos traumatizados. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 87)

Narrar experiências traumáticas é quase sempre lidar com o *irreal* ou o *sonho*. No atentado ao World Trade Center no dia 11 de setembro de 2001, sobreviventes classificavam a experiência como um “filme surreal”. A maneira pela qual os sobreviventes de uma catástrofe exprimiam o caráter a curto prazo inassimilável daquilo que haviam sofrido: Foi como um sonho. (SONTAG, 2003, p.23). Ainda que a experiência do World Trade Center seja completamente diferente dos testemunhos do produto MUTAN, estamos falando de narrativas biográficas, singulares, testemunhos que usam a imaginação para sobreviver, e resistir.

Para Ricoeur (2010) é na narrativa que o acontecimento se dá: “A linguagem não constitui um mundo para ela própria. Nem mesmo é um mundo. Porque estamos no mundo e somos afetados por situações, temos algo a dizer, uma experiência para partilhar” (RICOEUR, 2010, p.133).

No campo comunicacional, na dimensão de entrevista e escuta, o repórter também se torna testemunha daquela narrativa. Ao transcrever o testemunho, possibilita o leitor a se imaginar como parte da experiência narrada (DIDI-HUBERMAN, 2012). No entanto, a leitura não substitui a experiência, e sim, nos coloca em contato com ela.

Os processos de escuta fazem parte de escolhas políticas do jornalista, ao “dar voz” a certas narrativas em detrimento de outras.

As tendências do jornalista podem surgir através das menores sutilezas, como a opção de uma palavra em lugar de outra, o uso de uma imagem sob determinado ângulo que não outro, o privilégio de uma personagem em detrimento de outra. Sutilezas essas que, no entanto, podem contribuir para a formação da mentalidade

do leitor, especialmente aquele mais despreparado e, por isso, transformam a neutralidade plena em objetivo inatingível. (MANSUR, 2012, p. 1)

O depoimento, a narração da experiência são formas de lembrar de alguns para que não sejam esquecidos, e para que seus descendentes possam saber o que passaram. (MANSUR, 2012). No produto MUTAN, os testemunhos e contos são formas de protagonismo LGBTQ+, de falarmos de nossos traumas e receios à partir de nossas experiências e afetividades. Pois como bem pontuado por Arfuch (2002) “contar a história de uma vida é dar vida a essa história” (ARFUCH, 2002, p.42).

1.1 Narrativas do Corpo

No livro FOME, a autora Roxane Gay (2017) apresenta uma autobiografia de seu corpo. Após sofrer um estupro coletivo quando era adolescente, passou a comer compulsivamente, chegando a pesar 262 kg. Comer era a única forma de estar protegida, pois desde cedo entendeu que corpos como o dela eram rejeitados pelos homens. A comida era a única companhia pois não julgava. Roxane entende o livro como uma confissão. Ela conta que “histórias de corpos como o meu são ignoradas, descartadas ou ridicularizadas. As pessoas veem corpos como o meu e fazem suas suposições. Elas acham que sabem o porquê do meu corpo. Elas não sabem.” (GAY, 2017, p. 11).

O corpo (o meu corpo) está presente nas histórias do produto MUTAN, pois o processo de escrita para a composição do trabalho perpassou desde processos de afeição e conhecimento, até rememorar vivências traumáticas, visto que o corpo é múltiplo, complexo, com poder de afecções e de ser afetado (DELEUZE, 2002). Para Judith Butler, os corpos carregam discursos (BUTLER APUD PRINS E MEIJER, 2002). Por isso, o trabalho visa a potencializar o discurso do meu corpo viado.

Todo corpo tem uma memória. A memória corporal é desconhecida, feita de imaginação incompreensível, dna sexual, antepassados, bestialidade, “meus mitos, meus costumes”². Falar sobre a potência dos corpos, em especial, corpos *queer*³ (identidades à margem: viados, travestis, putas, gays e lésbicas deficientes, lésbicas negras, entre outros) é acessar as narrativas de nossos corpos, contar nossas histórias de super-Ação, empoderar, indefinir e friccionar.

² Björk, Body Memory, Utopia. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A6HFJPod61k>
Acesso em: 07/2020.

³ Ver em: Desacuerdos: sobre arte, políticas e esfera pública en el Estado español. vols 2. Barcelona: MACBA/Arteleku/ UNIA, 2004).

Para Bravo (2015) as políticas de regulação dos corpos e identidades estão ligadas às relações entre os sujeitos, através das normas e regras impostas pelas convenções patriarcais, relações de poder, hierarquia. O controle normativo dita as formas de mobilidade corporal:

O corpo, então, é o reflexo de que o gênero e as identidades são um pacto coletivo, um acordo coletivo imposto a todos os integrantes das estruturas sociais. É também uma estrutura complexa de rearranjos linguísticos e interpelativos que determinam supostas verdades universais pré estabelecidas (como, por exemplo: a cor da roupa azul referente aos meninos e a cor rosa as meninas). À vista disso, o corpo tem uma dimensão pública vulnerável e é agenciado pelas políticas culturais que não são econômicas ao confeccionar, ajustar e moldar suas propriedades. (BRAVO, 2015, p. 116).

O corpo (meu) não é uma condição, e sim, uma condução de vida, ao mesmo tempo que não é só meu, pois está sujeito à violências externas, afetação, atravessamentos e contatos. A narrativa do meu corpo esbarra com a narrativa de outros.

Corpos que transgridem as fronteiras de gênero ou de sexualidade são considerados diferentes e desviantes, passando por marcações simbólicas, sociais, materiais - feitas pelo próprio sujeito e pelos outros. Algumas estratégias de regulação buscam recuperar corpos desviantes, a fim de “salvá-los do pecado”, educar, estruturar, moldar. Enquadrá-los na normatização da vida. (LOURO, 2008).

Ainda que aconteça transformações no corpo ao longo da vida, é esperada uma direção única para os corpos dos sujeitos, sendo esta, uma sequência de normas regulatórias que buscam pautar a legitimidade, sanidade e ou moralidade (LOURO, 2008). A autora afirma que a família “normal” e sancionada pelo Estado exclui corpos *queer*:

A forma "normal" de viver os gêneros aponta para a constituição da forma "normal" de família, a qual, por sua vez, se sustenta sobre a reprodução sexual e, conseqüentemente, sobre a heterossexualidade. É evidente o caráter político dessa premissa, na qual não há lugar para aqueles homens e mulheres que, de algum modo, perturbem a ordem ou dela escapem. (LOURO, 2008, p. 88)

A artista e performer em circulação, Jota Mombaça, acredita que corpos *queer* têm conectores de insegurança, que afetam a normatividade cis, e diretamente, pessoas brancas. Por isso, “descolonizar o corpo, descolonizar o mundo, é um trabalho antisocial”⁴, no sentido de destruição. Destruir para construir.

“Corpos queer são aqueles que perturbam as aparências estáveis dos gêneros e das sexualidades” (BRAVO, 2015, p. 109). Nos resta usar o incômodo, os meios de afeto a nosso favor. Nossos corpos continuam presentes.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6Vv7mbgOEMA> Acesso em: 07/2020.

2 DEVIR BICHA

Chamaram-me de bicha pela primeira vez em algum momento da terceira série. Um grupo de garotos começou a rir quando passei e, em seguida, entoaram a palavra. A situação se repetiu inúmeras vezes durante o ensino básico, de forma agressiva, debochada. Ser bicha, pra mim, passou a significar: andar com as meninas. Não ser escolhido para o time de futebol. Ficar deslocado na fila destinada para os meninos. Não ir ao banheiro. Ter medo do mictório. Evitar grupos de garotos. Não poder falar sobre amores, anseios, dores.

Didier Eribon (2008) propõe que a injúria não se destina a informar sobre o indivíduo alvo, mas descrevê-lo. “O objetivo da sentença é expor uma posição de poder subordinada, é dizer que aquele que fala tem o poder de desferir suas palavras sobre mim porque ele me é superior.” (KOLINSKI MACHADO, 2018, p. 50). No entanto, para o autor, é imprescindível compreender que “o que somos para o outro é diferente daquilo que somos para nós mesmos.” (KOLINSKI MACHADO, 2018, p. 55).

Uma pesquisa realizada pela ABGLT⁵ (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) em 2015, revelou que 73% dos jovens LGBT dizem ter sido agredidos na escola. Cerca de 60% dos estudantes brasileiros que participaram do levantamento disseram se sentir inseguros por causa de sua orientação sexual. Dentro da escola, os ambientes em que o medo é maior é no banheiro (37,4%) e nas aulas de educação física (36,1%). Dos entrevistados, 53,9% evidenciaram a falta de intervenção de profissionais da escola contra as agressões.

A bicha está em todo lugar. Para Varjão (2019) é preciso afetar o pensamento com bichice, considerar a existência da bicha, que surge na infância por meio dos xingamentos “viado” “bichinha” entre outros, e continua como agente revolucionário da normatividade. “A bicha, movida por devir, não existe aqui, nem aculá – ela existe entre, no meio” (VARJÃO, 2019, p. 194). O autor salienta que pensar bichamente não é um empreendimento abstrato, mas um trabalho de entender os problemas que a bicha enfrenta, “as desconstruções que ela realiza; linhas que ela atravessa e faz fugir” (VARJÃO, 2019, p. 194).

O produto MUTAN é resultado de minha vida bicha. Dos momentos bons e ruins. Das violências e dos afetos. Desde pequeno há alguém rindo do meu modo de expressar, ou dos meus gestos. Varjão (2019) acredita que a ridicularização são características constantes na

⁵ Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2016/11/1834166-73-dos-jovens-lgbt-dizem-ter-sido-agredidos-na-escola-mostra-pesquisa.shtml> Acesso em: 07/2020.

vida da bicha. “Tudo é motivo de piada, sua vida não é levada a sério. Metade da vida da bicha vira gargalhada para o povo. Há um esforço por desumanizar a bicha por meio dessa chacota.” (VARJÃO, 2019, p. 203).

Escrever sobre meus anseios e relatar os de outros sujeitos LGBTQ+ é estar em constante devir, no sentido de singularidades e multiplicidades, que atravessam nossas experiências (SOARES, 2016). É um *eu sinto*. “O devir não é um território, uma identidade, é um fluxo, uma corrente que perpassa a existência humana, sem fixações, sem estabilizações.” (SOARES, 2016, p. 17). Sendo assim, o devir bicha é contínuo, incessante.

Ao criar MUTAN, a criatura, tento conceber um “lugar” favorável e utópico. Favorável pelo protagonismo de personagens LGBTQ+, suas histórias e medos. Utópico ao imaginar um espaço novo, mundos e realidades fora da normatividade, aquilo que *pode ou não ser* (MUÑOZ, 2018). E vou além, ao ressaltar o utópico nem sempre como algo bom. Por exemplo, os contos *Doris* e *Observadora Alienígena* abrigam conceitos de um “mundo” que deu errado, que já acabou, mas que precisa ser construído novamente.

Escrever as imaginações bichas para “sonhar com mundos que ainda não foram inventados”⁶ e mais, tumultuar a ficção brasileira dos filhos salvadores da nação.

2.1 Sou bicha, *queer*, *sudaca*⁷

Descobri que ser bicha é maravilhoso quando afirmei afetos com outras. Que ser *queer* é bom quando entendi a ressignificação do termo. E que *sudaca* também diz sobre as vivências de um corpo colonizado, latino, em tensão norte *versus* sul.

Efeito de uma construção dinâmica e discussões de autores como Judith Butler, Paul B. Preciado e outros, a teoria *queer* “baseia-se na politização da dissidência sexual e das sexualidades contra-hegemônicas e defende uma política das identidades não essencializadas.” (REA, AMANCIO, 2018, p. 4). A identidade *queer*, neste sentido, é uma estratégia contra as realidades fixas, normas estáveis e naturais. Uma oposição a política de corpos brancos e heteronormativos dominantes. (REA, AMANCIO, 2018).

A bicha *queer* para o Estado é um perigo, pois ofende os códigos estabelecidos. “O Estado procura uma população produtiva: que trabalhe, seja mão de obra, tenha filhos, netos, bisnetos. O matrimônio se configura como processo necessário para organizar os corpos.” (VARJÃO, 2019, p. 205).

⁶ Disponível em: <https://monstruosas.milharal.org/tag/jota-mombaca/> Acesso em: 07/2020.

⁷ Termo pejorativo da América do Sul, foi ressignificado pela autora Hija de Perra (assim como o termo *queer*) e usado para reivindicar corpos à margem latino-americanos.

A tentativa de criar um sistema heterocentrado com “fases” para as mulheres (por exemplo: rito do aniversário de quinze anos, noivado, casamento, maternidade, etc) e para os homens (necessidade dos meios automobilísticos, manutenção da esposa e do lar, etc) exclui quem desvia desses aportes. Ou seja, a bicha desviante é uma ameaça ao Estado. (VARJÃO, 2019). No entanto, vale ressaltar paralelos, e reconhecer a “entrada de gays e lésbicas na esfera da normatividade burguesa e do conforto da sociedade de consumo”(REA, AMANCIO, 2018, p. 24) processo que rejeita corpos pouco viáveis ao capitalismo.

Marie-Hélène/Sam Boucier (2015) atentou para uma genealogia não branca da teoria *queer*, para o autor é necessário descolonizar o *queer*, no sentido de buscarmos autores que falem de outros lugares, de outros pontos de vista que não sejam apenas do gay branco.

Muita teoria *queer* hoje dá a impressão de uma metanarrativa sobre as questões domésticas de homossexuais homens e brancos. Com certeza, os estudos *queer* prometem algo mais do que uma história do homem gay branco, uma sociologia dos sex-clubs gays, uma antropologia do turismo gay ou uma pesquisa sobre a estética gay (Eng; Halberstam; Muñoz, 2005, p.12).

Ser *queer* no Brasil é chique, principalmente dentro das universidades, onde a palavra não incomoda. “Também em português “*queer*” nada quer dizer ao senso comum. Quando pronunciado em ambiente acadêmico não fere o ouvido de ninguém, ao contrário, soa suave (cuier), quase um afago, nunca uma ofensa.” (PELÚCIO, 2014, p. 4). E ainda completa, “Assumir que falamos a partir das margens, das beiras pouco assépticas, dos orifícios e dos interditos fica muito mais constrangedor quando, ao invés de usarmos o polidamente sonoro *queer*, nos assumimos como teóricas e teóricos cu.” (PELÚCIO, 2014, p.4).

Ser *queer* nos trânsitos do cotidiano é também transformador, mas se reivindicou o termo, não faz tanto sentido ao consenso da população brasileira. Como Hija de Perra bem pontuou, o *shopping queer* está a nossa disposição:

Hoje em dia graças a Deus temos todo o necessário para tomar o estandarte *queer* dentro da metrópole: mil produtos para nos transformar em seres ambíguos de difícil leitura sexual e perfomar pela vida como transgressão identitária, hoje é possível estudar esta teoria em Universidades e receber informação fidedigna do tema, hoje temos à disposição a compra e venda de livros que traduzem e levam essa mensagem esperançosa até o criado-mudo da sua cama, hoje existem as possibilidades de lugares de encontro multissexuais, bares, discotecas, etc. Hoje existem bandas de música com estética *queer* que você também pode adquirir e desfrutar, hoje existem lojas de artefatos contra sexuais para nossa estimulação plural ciber-carnal. Um mundo de fabulosas oportunidades para levar a cabo o discurso e o desborde estético necessários para nos sentirmos envolvidos e santificados pelo tema. (HIJA DE PERRA, 2014, p. 6)

Para a autora, “A luta *queer* não quer conseguir somente a tolerância ou o status igualitários, mas quer desafiar as instituições e as formas de entender o mundo.” (HIJA DE PERRA, 2014, p. 7). Mais ainda, desafiar e repensar os enunciados de fonética ao se

denominar algo. *Bicha, queer, sudaca, degenerada, puta*, etc. Entender as formas de nomenclatura e a recepção nos espaços. Teoria queer, teoria bicha, teoria cu, como questionamentos, passíveis de tensão, perigo, descoberta. “Desafiar a ideia de que certas expressões de gênero são originais ou verdadeiras, enquanto outras são secundárias e falsas.” (Hija de Perra, 2014, p.7).

2.2 Dar o cu é uma revolução

Dentre os xingamentos a bicha, o “vai dar o cu” é recorrente. Certa vez recebi uma mensagem pública no orkut: “Seu viado, vai dar o cu”. Naquele momento percebi que o prazer anal incomodava. “O cu confunde a manutenção dos discursos naturalizantes sobre os corpos: é universal, não é ativo, não é reprodutivo, não possui gênero e desloca a prática sexual marcada pelas genitálias pênis/vagina.” (SOARES, 2016. p. 19). Como afirma Paul Preciado, no *Manifesto Contrasexual*, o prazer do cu vai contra a matriz heterossexual imposta.

“O cu é um lugar vazio das marcas de gênero, o qual desafiaria a lógica do binarismo sexual e mito da cópula heterossexual reprodutiva. Ao mesmo tempo, contudo, o cu seria fundamental na constituição do sistema sexo/gênero e na organização das diferentes sexualidades.” (KOLINSKI MACHADO, 2018, p. 47)

A performer Pêdra Costa, em entrevista a Kaciano Gadelha⁸, fala sobre como as interdições ao cu são antigas:

Uma parte do livro “Os Upanishads” (considerado uma obra literária muito antiga, que conheci através do movimento Hare Krishna), descreve o corpo de deus como sendo cada parte um elemento do universo, do planeta ou do mundo espiritual. O ânus é o local dos demônios. Na inquisição do Brasil colônia, pessoas eram condenadas à morte por fazerem sexo anal, o crime de sodomia. Uma das penas era ser enterrado vivo. (PEDRA COSTA, 2017, p. 470).

Os mecanismos de higienização do cu ditam regras e normatividades que vão além da prática sexual, agindo nas relações de sociedade.

Por sua associação com dejetos, aqui, como em outros lugares, ele está associado a palavrões, a ofensas, ao que é sujo, mas também a um tipo de sexo transgressivo, mesmo quando praticado por casais heterossexuais. Porém, no imaginário sexual local, o sexo anal está estreitamente associado à homossexualidade masculina. O cu excita na mesma medida em que repele, por isso é queer. (PELÚCIO, 2014, p. 470).

A bicha que assume a prática de dar o cu é vista como suja, no entanto, também é sexualizada e objetificada. “mesmo os órgãos que reconhecemos como naturalmente sexuais são produtos de uma tecnologia sofisticada do sexo que prescreve o contexto em que os

⁸ Bolsista de pós-doutorado PNPd CAPES, Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Ceará. Doutor em Sociologia pela Universidade Livre de Berlim.

órgãos têm sua significação, onde são utilizados como propriedade, de acordo com sua “natureza” (PRECIADO, 2014, p. 26)

Dar o cu é uma revolução. E não só na prática homossexual, visto que a prática sexual pelo cu instaura uma ruptura na base ideológica da heterossexualidade, que é a reprodução humana. Dar o cu institui um contradição epistemológica na forma de se conceber a sexualidade humana hegemonicamente heterossexual. Dar o cu, portanto, amplia as possibilidades de prazer, concebe e visibiliza práticas sexuais historicamente subalternizadas, permite repensar os projetos de criação de sujeitos e possibilita recriar novas humanidades. (SOARES, 2016, p. 20).

Reivindico o meu direito de dar o cu, como prática bicha e descumprimento das matrizes normativas. Reivindico as múltiplas subjetividades de ser bicha e nossas jornadas de luta, prazer, narração. Somos muitas. E diversas histórias. E transformações constantes.

Reivindico ainda o direito a ser monstro, ideia proposta e evocada pela artista sudaca trans, Susy Shock⁹, no ato de me explorar, de me reinventar, de me venerar. Abrir espaço para as mutações. E mutando sempre. MUTAN.

Reivindico o meu direito a ser um monstro! E que outros sejam o normal, o Vaticano normal, o credo em Deus e virgíssima normal e os pastores e os rebanhos do normal, o Honrável Congresso das Leis do Normal, o velho Larousse do Normal. Eu só trago a luz dos meus fósforos, a face do meu olhar, o tacto do que é ouvido e o jeito vespal do beijar. [...] O meu ser EU, entre tanto parecido, entre tanto domesticado, entre tanto “até à ponta dos cabelos”. Um novo título para carregar. Casa de banho: das senhoras? Ou dos homens? Ou novos cantos para inventar. (tradução livre: Isabel Martinez)

3 CONTAR E FICCIONAR

Quando decidi que o produto MUTAN seria um livro com contos ficcionais e testemunhos, resolvi contar uma história (a minha, de outras bichas, e sujeitos LGBTQ+) usando outras formas de escrita. E assim MUTAN nasce.

A maneira de se contar as histórias evoluiu com o tempo. “Em princípio, oralmente, para o registrar as estórias, por escrito. Mas contar não é simplesmente um relatar acontecimentos ou ações.” (GOTLIB, 1990, p.12). Contar é causar efeito no leitor. Sobre esta função, Edgar Allan Poe (1842) propõe uma teoria baseada no princípio da unidade de efeito. O que o autor pretende causar com sua estória? Qual efeito é essencial? É necessário seleccionar tais funções. O conto combina acontecimentos, personagens, emoções (GOTLIB, 1990) e ainda, comunica estórias pessoais, as que foram passadas de geração, os causos, os sonhos, a imaginação, o que foi visto e não visto, o discurso do autor, seu corpo, seu fazer político, as impressões, o mundo real, o mundo ao avesso, as palavras.

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=udup-LFqnXI> Acesso em: 07/2020.

O conto precisa captar o mais importante e conquistar. Para Júlio Cortázar contar é o “sequestro momentâneo do leitor”. E cada um conta de um modo, pois existem

modos peculiares de uma época da história. E modos peculiares de um autor, que, deste e não de outro modo, organiza a sua estória, como organiza outras, de outros modos, de outros gêneros. Como são também modos peculiares de uma face ou de uma fase da produção deste contista, num tempo determinado, num determinado país. (GOTLIB, 1990, p. 82).

Conceber as histórias do produto MUTAN e escutar os testemunhos de sujeitos LGBTQ+ nunca é uma tarefa neutra, e sim, processos de afeição, auto registro, experimentação e conversas. No entanto, o que pode ser importante e inevitável para mim, pode não ser para meu leitor, pois as relações entre quem escreve e quem está lendo são complexas. “Pode-se dizer que não há temas absolutamente significativos ou absolutamente insignificantes. O que há é uma aliança misteriosa e complexa entre certo escritor e certo tema” (CORTÁZAR, 2006, p. 155). O autor enfatiza que o conto e a temática se tornam significativos pois em certa medida essa significação “está fora do tema em si, por algo que está antes e depois do tema.” (CORTÁZAR, 2006, p.155).

O que está antes é o escritor, com a sua carga de valores humanos e literários, com a sua vontade de fazer uma obra que tenha sentido; o que está depois é o tratamento literário do tema, a forma pela qual o contista, em face do tema, o ataca e situa estilisticamente, estrutura-o em forma de conto, projetando-o em último termo em direção a algo que excede o próprio conto (CORTÁZAR, 2006, p. 156)

O contar vai além do propósito de escrever um conto. Antes de se visualizar uma história, tramas e ficções, há vivências demarcadas que afetam nossa forma de escrever. Quando a escritora Conceição Evaristo diz “Eu não nasci rodeada de livros, eu nasci rodeada de palavras”¹⁰ é sobre essas vivências, ou “escrevivências”, termo que a mesma utiliza ao se referir às suas produções marcadas por sua condição de mulher negra.

O conto é construção de histórias ficcionais, mas também de narrativas que podem ser pessoais, autobiográficas. Em MUTAN, a proposta é interligar elementos do testemunho de experiência de sujeitos LGBTQ+, a ficção e o eminente contar.

O conto pode ser usado como atmosfera onde o suspense e a curiosidade não deixam o leitor largar a leitura, onde o “momento especial” assusta, surpreende, faz a boca abrir num gesto inacreditável. Os olhos se arregalam e a expectativa cresce. Para alguns teóricos do conto, como Theodore A. Stroud, este momento especial “traduz uma mudança, de caráter moral, de atitudes ou de destino das personagens, e que provoca uma realização do leitor, através destas mudanças.” (APUD GOTLIB, 1990, p. 50)

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=z8C5ONvDoU8> Acesso em: 07/2020.

O conto também é ambiente narrativo promissor, onde há a capacidade da criação de universos que só existem no papel, mas que de fato dialogam com a realidade. Histórias que

nos contam que o mundo tem uma face oculta, que atrás de uma árvore inocente ou dentro de uma inocente casa se ocultam coisas tão atrozmente que mal se podem nomear, que o tempo e o espaço não são aliados fiéis de nossa razão mas que, ao contrário, a subvertem, e que, paralela a nossa vida de todos os dias, flui outra vida, maliciosa e aterradora, é algo que secretamente nos deleita (MANGUEL, 2005, p. 10)

Por fim, para Julio Cortázar (2006), em *Alguns aspectos do conto*, o bom contista possibilita a abertura do individual e circunscrito para a essência da condição humana.

E onde se tem conto, também há ficção.

Na introdução de seu livro, *A mão esquerda da escuridão*, a escritora Ursula K. Le Guin menciona que “A ficção não prevê; descreve.” (LE GUIN, 2014, p.8). Para ela, o artista (e aqui incluem pintores, poetas, escritores, etc) lida com o que não pode ser dito em palavras. “Toda ficção é metáfora. Ficção científica é metáfora. [...] O futuro, em ficção, é uma metáfora. A questão é: uma metáfora do quê?” (LE GUIN, 2014, p.11).

Os contos do produto MUTAN apresentam assuntos diversos que acontecem em um mundo fictício, porém, ficcionar não é apenas o compromisso com a invenção, mas também uma resposta às minhas vivências, os afetos raiva, ansiosos, sexualidades. No livro, *A ficção nas mídias*, de Marcelo Bulhões (2009), o autor debate sobre a ficção:

Não existe, a rigor, ficção pura, exilada das referências do real palpável. Nenhuma realização ficcional está, com efeito, totalmente desligada de alguns parâmetros que conhecemos como realidade, pois ela não é um invólucro impenetrável, uma cápsula suspensa na imaterialidade. De modo um tanto quanto engenhoso, pode-se dizer que a ficção só pode transfigurar o real por tê-lo conhecido. Ao contrariá-lo de alguma maneira, indiretamente reconhece-o e acaba, por fim, reconstruindo-o ou então reelaborando-o. (BULHÕES 2009, p.22).

O real, a verdade, são caminhos por vezes tortuosos e complexos. As ficções de Brasil e de mundo se enrolam em afirmações, certezas, invenções. A questão é: a verdade também pode ser um exercício de imaginação? Para Rodrigues (1988), “Temos que reconhecer que o real é mutável, historicamente relativo, inconscientemente resvaladiço, difícil de ser apreendido pelo discurso humano. Mas sempre desejado.” (RODRIGUES, 1988, p. 25).

Quais espaços nós (sujeitos LGBTQ+) temos criado para abrigar nossas palavras de intervenção, nossas fantasias de ficção e utopia? É preciso iluminar novas opções de verdade para nossos corpos, pois estamos lidando com um mundo distópico. MUTAN é minha resposta e minha metáfora. A ficção de poder contra os poderes normativos e hetero-terrorizantes. É uma nova articulação, que requer

um trabalho continuado de reimaginação do mundo e das formas de conhecê-lo, e implica também tornar-se capaz de conceber resistências e linhas de fuga que sigam deformando as formas do poder através do tempo (MOMBAÇA, 2006, p.5)

Não podemos acabar nas armadilhas de realidade fixa, verdades apropriadas e sólidas, pois o mundo que conhecemos muda a todo instante. É necessário imaginar e, então, construir. E basicamente é esta a proposta de vários autores de ficção, que usam de outros universos não para prever situações ou onde iremos parar, e muito menos para abusar de escapismos e extrapolações, mas para dizer algo mais. No meu caso, que o mundo acabou.

O mundo que conhecemos acabou. Estamos vivendo em ruínas de um projeto de sociedade que não deu certo. A proposta de MUTAN é destruir o que resta, para seguirmos com algo novo, novas ideias, novos projetos e planejamentos, de mundo e de sociedade.

Destruir para construir. Estabelecer noções utópicas para nós (pretas, travestis, dissidentes, *queer*, bichas, lésbicas, e mais).

O fim do mundo como o conhecemos. Como nos foi dado conhecer. Mundo devastado pela destruição criativa do capitalismo, ordenado pela supremacia branca, normalizado pela cisgeneridade como ideal regulatório, reproduzido pela heteronormatividade, governado pelo ideal machista de silenciamento das mulheres e do feminino e atualizado pela colonialidade do poder (MOMBAÇA, 2016, p.15)

Por isso, é importante narrar sobre nós. É essencial contar nossas histórias, ficções e jornadas de vida. Esses caminhos possíveis que nos conectam e transformam. Criações, obras, artes, experiências que ajudam a tensionar novos territórios. Entendo MUTAN como a verborragia de palavras que há tanto tempo estavam presas na minha garganta. Me proponho a vomitá-las. A dissecar cada sentimento e estranheza que me seguiram pela vida.

Este trabalho só é possível a partir de narrativas que vêm de dentro, de processos de auto entendimento, de buscar outras realidades, e outras referências. De principalmente, conversas com sujeitos que partilham de experiências semelhantes às minhas.

A busca por uma realidade, pode as vezes, anular outros pontos de vista. Em literatura, verdade absoluta não é interessante. “a literatura não é feita de um código neutro, como a língua pura e simples. A literatura se faz com a literatura, com uma linguagem literária, com os gêneros literários etc., desde sempre.” (RODRIGUES, 1988, p. 25).

A ficção, sobretudo, é construção de referenciais, imaginação, respostas de coisas que não conseguimos dizer, e afetos que sentimos. Metáforas como respostas e perguntas, questionamentos do real, da “mentira”, da “verdade”, das inúmeras faces de algo, pois

Se a “realidade” é um mundo possível tomado como de referência e a partir do qual outros são medidos em sua maior ou menor ficcionalidade, a ficção não é constituída simplesmente de coisas exóticas e absurdas. As narrativas ficcionais são construções culturais e se destinam à mesma realidade que aquelas “não ficcionais”.

Nesse sentido, a ficção constitui um modo de dizer, de produzir relações referenciais. Muito se sabe, por exemplo, sobre décadas passadas quando se assiste às narrativas ficcionais então produzidas e em circulação: não só essas histórias “imaginam” mundos possíveis naquele momento histórico como narram de forma contextualmente marcada. (LEAL, 2013, v.1, p. 25-48.)

4 MUTAN: DIÁRIO DE BORDO

O conceito MUTAN nasceu através da palavra mutação. MUTAN é uma criatura que permeia os contos. Não necessariamente ela faz parte das histórias, porém, as histórias só acontecem porque MUTAN existe. É uma entidade fictícia e ancestral que protege as personagens que compartilham vivências relacionadas ao gênero. Ao longo deste capítulo, irei contar como se deu o processo de escrita dos contos, as entrevistas com os indivíduos que relataram seus anseios e experiências sendo sujeitos LGBTQ+ e os enfrentamentos pessoais que este trabalho proporcionou.

A ideia de criar um ambiente narrativo regido pela criatura MUTAN está interligada com a proposta do capítulo anterior, no sentido de conceber um território ficcional que conte histórias de bichas, travestis, transexuais, mulheres em situação de protagonismo e vozes subalternas. É ainda falar das violências que sofremos diariamente por ser quem somos e os sentimentos de inadequação, rejeição, amor, raiva, família, injustiça, matriarcado, solidão, etc. Noções utópicas e distópicas de mundo.

MUTAN é uma criatura “estranha”. Descrita nos contos como algo monstruoso, bonito, que parece anjo, animal, humano. Tudo junto. “Celestial, com as asas pretas abrindo. Depois estranha, o rosto deformado. E por último acolhedora”. O feio e o belo são junções que completam o corpo de MUTAN, pois o objetivo não é definir um tipo de aparência, mas demonstrar as inúmeras possibilidades. Em MUTAN, vários corpos se unem para contar suas trajetórias, os aspectos mais marcantes de suas vidas.

A criatura é uma espécie de mentora dos personagens, e sempre aparece quando eles mais precisam, seja pessoalmente ou através de histórias e lembranças dos próprios. Com presença ancestral que ultrapassa o tempo, MUTAN é minha resposta ao “Deus”, o ser que protege os seguidores. Nos contos, MUTAN é deus, deusa, falho, assertivo, diverso, complexo. Na verdade, é uma sensação. Uma energia criativa de pensamentos. Um ponto de vista para o leitor. Um dos caminhos que as personagens podem seguir, se for a escolha.

Ao pesquisar a palavra MUTAN no dicionário¹¹, achei o seguimento *mutá*, que quer dizer palanque de caçador, que espera a caça no mato. A palavra vem carregada de suspense.

¹¹ Estrado, construído no mato, e no qual o caçador se coloca a espera da caça. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/muta/>

Esperar a caça no mato é estar atento, na defensiva, atacar. O significado interage com a figura da criatura, pois ao defender os sujeitos subalternos nas histórias, MUTAN está preparado para a luta, no embate aos opressores.

Como afirmado anteriormente, a criação do conceito geral do livro tem a pretensão de mostrar um universo ficcional que dialogue com os testemunhos dos indivíduos LGBTQ+ que aceitaram narrar sobre seus medos e situações que vivenciaram. MUTAN não é apenas uma estética narrativa e literária, mas a tentativa de expor alguns afetos que sinto, as conversas com outras bichas, os aprendizados das disciplinas do curso de Jornalismo, em especial gênero e literatura, os modos de condução de entrevistas humanizadas e a escuta empática de experiências, casos, histórias, lembranças.

Narrar algo, ou a si mesmo, é sempre um exercício de vida. Como explicado no primeiro capítulo deste memorial, narrar implica viver. Não aceitar as estatísticas alarmantes de violência de gênero no nosso país. Dar nome a nós. Explicar sobre a especificidade dos nossos corpos e a pluralidade de nossas histórias.

O produto MUTAN passou por mudanças significativas, desde a banca de TCC I até as conclusões finais. Inicialmente havia um conto chamado BAMGA que apresentaria outra criatura, com a força onipresente de ajudar as personagens principais. Este conto chegou a ser apresentado à banca. Decidi, no entanto, que para melhor entendimento do trabalho, apenas MUTAN fosse necessário.

Vale ressaltar que as componentes da banca auxiliaram no desenvolvimento de um trabalho que agregasse as pautas do Jornalismo, sendo assim, discutimos opções que viessem juntos com os contos, como Críticas da Mídia, Reportagem, etc. Até aquele momento eu não havia pensado nos testemunhos.

Outro ponto de mudança aconteceu no processo de desenvolvimento do produto, e talvez seja o momento mais conflituoso deste projeto. Eu estava inseguro com a proposta dos contos, e não conseguia pensar em algo que complementasse a ficção. Tentei desenvolver sinopses que não deram certo, e ideias que fugiam do planejamento inicial. Uma delas foi a escrita de um esboço de peça de teatro chamada “A primavera voltou!”, sobre a história das personagens Laura e Dona Dirce, filha e mãe que viviam reclusas num casarão velho, sem sair desde a primavera de 76. Após ser proibida de apresentar a peça “Ventos do Sul” por causa da ditadura militar, Laura, uma travesti torturada pelo DOPS, continua no personagem desde então. Dirce, depressiva porque nunca superou o desaparecimento do marido (morto pela ditadura), vive com rancor e venerando o gato Júpiter (narrador irônico da trama). A

vida de ambas muda quando Laura decide remontar a peça “Ventos do Sul” dentro da casa, homenageando todos os personagens.

Por mais que eu tenha carinho por esta ideia, percebi que demandava um tempo que eu não teria, e eliminaria a criatura MUTAN, meu conceito principal. Sendo assim, voltei aos contos com mais confiança, e encontrei nos testemunhos possibilidades de aplicar alguns aprendizados do curso.

Quando decidi que a criatura protetora dos contos se chamaria MUTAN, entendi meus próprios processos de mutação, as transformações diárias de pensamento. Ao escrever sobre a aparição de MUTAN, percebi que necessitava de acolhimento, de um local acessível para contar, de mecanismos de luta das minhas ficções contra outras ficções que violentavam meu ser. Espaço para o meu falar. Este trabalho é um amplo espaço de fala.

A decisão de construir cinco contos veio de conversas com meu orientador, e após escrevê-los, percebi que minhas ideias contemplavam as estórias. O mesmo aconteceu com os testemunhos (que irei explicar mais a frente). Os títulos dos contos são: Conto 1: Mutan, Conto 2: Vera, Conto 3: O Seminário, Conto 4: Doris, Conto 5: Observadora Alienígena.

Ao longo da escrita, busquei estar em contato com minhas referências de autores literários, e de artistas do audiovisual e da música. Li tudo que me fazia bem e escutei os álbuns que me inspiraram. Os principais livros foram: *Contos de Horror do século XIX* coletânea organizada por Alberto Manguel, *Becos da Memória* de Conceição Evaristo, e *A Mão Esquerda da Escuridão* de Ursula K. Le Guin.

Cada conto foi escrito com uma trilha sonora de fundo, assim, pude focar nos propósitos da narrativa. Os principais álbuns foram: *Rastilho* de Kiko Dinucci; a trilha sonora de Cliff Martinez para o filme *O Demônio Neon*; a trilha sonora de Mica Levi para o filme *Sob A Pele*; a música *Manta Ray*, da artista trans ANOHNI, e por fim, o álbum *Oil Of Every Pearl's Un-insides*, da SOPHIE, uma verdadeira ode a ficção científica e conceito ciborgue.

Meu orientador leu os primeiros rascunhos e propôs mudanças que ajudassem o texto, na fluidez e em pontos do enredo. Fiz melhorias a partir das nossas conversas, e também da leitura de amigos. A crítica das pessoas que tiveram contato com o trabalho antes da conclusão me direcionou ao foco narrativo, eliminando parágrafos desnecessários, histórias de difícil entendimento ou sem objetivo.

O desenvolvimento de cada conto aconteceu de forma diferente.

4.1 Conto 1: MUTAN

Ambientado num passado distante, em uma terra árida e rural, o conto MUTAN abre o livro narrando a história de Maria Silveira. É o começo de tudo. A personagem é a introdução deste universo, o início da geração. Este primeiro conto apresenta a família composta majoritariamente por mulheres. Maria Silveira e Preta Silveira. Elas precisam enfrentar a passagem de guerrilheiros do mato que causam destruição. Homens perversos que estupram, matam, dão ordens por onde passam. Sem armas em mãos, as personagens recorrem a ancestralidade para serem salvas, através das histórias de Zula de Itapema, e da força inexplicada de uma criatura chamada MUTAN.

O conto exhibe a força das histórias passadas de geração em geração, a união feminina e a busca pela sobrevivência. Mesmo incerto, o poder de MUTAN é invocado. Há esperança na matriarca Zula e na rede de proteção nascida e manifestada por esta coisa estranha, sobrenatural, espiritualizada, a criatura dos sonhos, que transmuta.

Ainda que o conto MUTAN seja o primeiro do livro, ele foi um dos últimos a ser escritos. Só fui entender mais tarde que precisava mostrar onde as coisas começaram, que a mãe e a mulher nessas histórias é aquela que luta contra homens inescrupulosos. E essa força passa para outras gerações.

Na narrativa de Zula de Itapema, quando revelo o acidente com o fogo na cabana, é pessoal. Minha avó, Maria das Dores, conta uma história semelhante. Certo dia, minha bisavó saiu para trabalhar. Minha avó, que cuidava das crianças, foi lavar roupa longe da casa. Os meninos brincando colocaram fogo na palha que ficava armazenada debaixo da cama. O casebre pegou fogo. Eles se salvaram. E todo o pessoal do acampamento tentou apagar as chamas, mas não adiantou. Minha avó conta que foi falar com sua mãe, e ela apenas disse: *agora não tem como fazer nada*. Depois disso elas mudaram. Outras coisas aconteceram. Outro recomeço.

Toda vez que ouço essa história imagino os meninos olhando as chamas de longe. Minha avó chegando e vendo tudo queimado. Minha bisavó conformada. Elas perderam tudo, no entanto, minha avó conta sem pesar. Como foi aquele dia? Onde dormiram? Por quanto tempo as crianças observaram o fogo? Penso nas fotos perdidas... Elas tinham fotos?

Escolhi o protagonismo de mulheres fortes no conto, pois eu mesmo cresci com essas personalidades. MUTAN só é possível também por causa delas.

4.2 Conto 2: Vera

Narrado em forma de diário, o conto apresenta o começo e o fim da vida de Vera, alguns acontecimentos que definiram sua jornada pessoal e a amizade afetuosa com Ana. A história perpassa por alguns pontos. Vida e morte. Amor e medo. A condição de ser travesti no país com os maiores índices de violência contra a população trans. Travesti e escritora, que escreve suas memórias num caderno para não morrer no esquecimento, que ama e almeja ser amada.

A concepção deste conto se deu através de três momentos: a oportunidade de trazer uma história protagonizada por uma personagem trans; a revisitação de coisas que escrevi no passado; e a ideia de rememorar este nome que escutei muito na infância, por causa da personagem do ator e comediante Jorge Lafond, Vera Verão.

De início eu tinha a pretensão de assumir a narrativa biográfica, levando para o conto trechos de alguns acontecimentos que escrevi sobre minha vida, no entanto, percebi que o livro MUTAN é um compilado de mim, pois meu corpo transita por ele. Ou seja, posso falar de temas alheios a minha experiência, porém ainda sou eu que estou contando. Assumir a “voz” da história é também colocar meu ser à disposição. Por isso, contar a jornada de Vera seria mais interessante. Pelo protagonismo de uma travesti e suas vivências.

A questão do nome é importante. Quando eu era criança, assistia Vera Verão na *Praça é nossa*, entretanto, eu não gostava da figura da personagem, achava escandalosa, caricata demais, feia. Hoje entendo o porque. Vera Verão era interpretada por um ator negro, gay, afeminado. Naquela época (e ainda agora) algumas pessoas usavam essas características para determinar algo como pejorativo, motivo de chacota, que não devia ocupar determinados espaços. Contudo, passei a entender a representação de Vera Verão para mim, a importância deste nome e de revisitar o trabalho de artistas importantes, que estiveram na tv numa época em que discussões sobre ser LGBTQ+ eram escassas.

Diante disso, consigo olhar para o passado e não ter vergonha de Vera Verão, pois assumo o devir de ser bicha, negro, afeminado. Aplaudo a personagem da voz alta, que chega e é percebida. Aplaudo ainda outras, como a dançarina Lacraia, bichíssima, maravilhosa! Personalidades que se fazem presentes no meu imaginário até hoje.

A amizade entre as personagens do conto, Vera e Ana, foi uma parte necessária onde quis mostrar a construção de uma rede de apoio. Como sujeitos LGBTQ+ com vivências parecidas podem se apoiar, se amar, se atrair e compartilhar inúmeras possibilidades de afeto.

Por último, optei por retratar a morte das personagens e lançar uma questão: quem está chorando pelas mortes de travestis e transexuais? Como os veículos jornalísticos estão

retratando essas vidas? E relembando a discussão de Judith Butler, no livro *Quadros De Guerra: Quando a Vida é Passível de Luto?* (2015), quais dessas vidas são passíveis de luto?

4.3 Conto 3: Membrana

O conto apresenta a personagem Lorena, uma construtora de máquinas que se sente sozinha na cidade. Após encontrar os restos de um robô destruído, a trama começa.

Antes deste conto eu havia escrito outro chamado O Seminário, que faria parte do projeto. No entanto, desisti da ideia por não simpatizar com a conclusão da história. Meus processos de escrita sempre estão se transformando, assim como os conceitos dos contos.

O conto Membrana fala basicamente do corpo, neste caso, o corpo ciborgue. Minhas referências foram desde o Manifesto Ciborgue de Donna Haraway, ao conceito do desfile da marca Gucci, Gucci Cyborg¹² é pós-humana. Além de séries e filmes de ficção científica como: Westworld, Tales From The Loop, Another Earth, The OA, etc.

Este conto é um prelúdio do próximo, Doris, pois abrange a questão da tecnologia e o início de um mundo distópico.

É interessante falar que a ancestralidade de MUTAN está presente nos conflitos pessoais da personagem Lorena, nascida em Itapema, povoado central para o começo e final de tudo. O conto foi escrito durante a finalização do memorial, já no mês de junho de 2020, junto com a revisão dos outros.

4.4 Conto 4: Doris

A ideia desta trama surgiu através de uma reportagem do jornal El País chamada *Um robô como antídoto contra a solidão dos idosos*¹³ publicada em 2019, que mostra a criação de um robô capaz de auxiliar e fazer companhia para idosos em asilos.

A partir desta premissa, elaborei um enredo sobre a robô Doris, que foi designada para acompanhar o cotidiano de Lucas, paciente de um asilo especializado em cuidadores robôs. Após a chegada da robô, o velho é confrontado com lembranças violentas de crimes que cometeu contra sujeitos LGBTQ+. Aos poucos, Lucas percebe que Doris não tem as melhores intenções, e que aparentemente foi programada para matá-lo.

¹²Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2018/02/22/o-desfile-da-gucci-em-milao-e-o-manifesto-ciborgue-de-donna-haraway_a_23368497/ Acesso em: 07/2020.

¹³ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/07/eps/1546865049_782991.html?%3Fid_externo_rsoc=FB_BR_CM&fbclid=IwAR1NkWW7HatHmPIDjY59JvPABT3pH6IYO5wcepJN-CDC78dlcmgddWbL9dU&id_externo_rsoc=TW_BR_CM&hootPostID=866608c77165bd75e077b7623c8ae989 Acesso em: 07/2020.

A palavra chave do conto é violência. Narrado por Lucas, procurei expor as atrocidades de um homem consumido pela homofobia e machismo, e as consequências de seus atos. Ao longo da história, priorizei o suspense e as contradições de Doris, além das lembranças do velho, os crimes, a impunidade.

Este é um conto distópico, que narra sobre um futuro fictício, onde existem condições de opressão, injustiça, privação, impunidade. Os velhos do asilo cometeram crimes horríveis quando eram jovens, porém são tratados com conforto. O governo os apoia.

O conto apresenta a violência pela violência. Como uma sucessão de acontecimentos violentos pode gerar outras formas de se fazer justiça. A estética de distopia agrega elementos de ficção científica, tecnologias avançadas e viagens à anos luz.

O processo de escrita deste conto durou três dias, nos quais escutei incessantemente a trilha sonora do filme *Sob A Pele* composta por Mica Levi. Na película, uma perigosa alienígena sob a pele de uma mulher atraente decide acabar com as vidas de humanos para cumprir os desejos de sua espécie.

Doris é meu segundo conto preferido, pois aliou referências de música e ficção.

4.5 Conto 5: Observadora Alienígena

O mundo acabou. A Terra passou por inúmeras catástrofes e mudanças climáticas, processo que desequilibrou a biosfera e tornou o planeta inabitável. Neste conto, uma alienígena precisa encontrar vida consciente no nosso planeta. Após procurar indícios de seres humanos, descobre uma velha vivendo de forma solitária.

Este conto é meu preferido, pois através dele li sobre assuntos ambientais, pesquisas de ativistas, e trabalhos de cientistas em prol da biodiversidade. Ressalto que o conto não tem compromisso com termos técnicos, ou veracidade precisa de dados, pois assim como o conto anterior, este também fala de um mundo acabado, de uma situação extrema. No entanto, é interessante metaforizar, da forma que o leitor quiser.

Quem é a velha que sobreviveu a catástrofe? Descendente de Zula de Itapema, a personagem do conto MUTAN. Geração que inicia tudo, e que permanece no final. A sobrevivente deste mundo quebrado é uma mulher negra, descendente de outras mulheres fortes. É o progresso de MUTAN, a passagem de seus poderes.

Não há nada de conflituoso entre a alienígena e a sobrevivente, e sim, uma simples conversa. Histórias trocadas. De mãe pra filha, de filha pra neta, de neta e a seguir. O conto abrange a importância de conhecermos nossa trajetória.

É preciso ter esperança em um mundo melhor? Não sei. É preciso sobreviver. Nos mantermos aliados em função da vida. Da nossa vida e de nossos caminhos. Quando escrevi esse conto, pensei em relatar, investigar. MUTAN pra mim é isso. Uma investigação sobre eu mesmo, e sobre os testemunhos de sujeitos LGBT. E sobre minhas ficções.

“*O último ser humano do planeta Terra.*” escolhi esta frase para encerrar o conto, e o livro, pois pra mim MUTAN começou com Zula de Itapema, e de alguma forma terminou com ela. Evitei testemunhos após essa história porque entendi um término favorável.

Desde a escrita e as revisões, não houve grandes modificações no enredo, visto que eu tinha em mente início e fim. Meu orientador acompanhou as ideias iniciais, recomendando acertos na grafia e no entendimento da proposta.

Para finalizar essa parte de apresentação dos contos, e partir para a explicação do processo dos testemunhos, acredito ser interessante mencionar o trabalho da artista ANOHNI, cantora e ativista ambiental. Ela interpretou a canção Manta Ray¹⁴, para o documentário Racing Extinction (2015), que foi essencial para a condução dessa história.

4.6 Os testemunhos

O desenvolvimento dos testemunhos, desde as conversas com os indivíduos LGBTQ+ até a escrita, foi positivo. A ideia dos testemunhos veio da minha participação no Projeto Ariadnes, onde por dois anos, estive aprendendo sobre escuta empática e violência de gênero dentro das universidades. O objetivo do Ariadnes¹⁵ é produzir materiais (fotos, vídeos, testemunhos) que ajudem no trabalho de prevenção, conscientização e combate à violência de gênero na universidade e que auxiliem no trabalho de recuperação de sobreviventes por meio do testemunho do trauma. A principal referência para os testemunhos do meu produto foi a forma aprendida no Ariadnes, e as vivências compartilhadas entre os indivíduos.

A faixa etária dos participantes do meu trabalho é de 20 à 25 anos. Optei por essa idade por ter um contato próximo com bichas e sapatonas mais novas, o que facilitaria a conversa. O contato se deu através de divulgação da proposta por meio de mensagem no whatsapp e também pessoalmente. Expus com clareza o objetivo de escutar experiências de medo, anseios, violências sofridas por nós.

Antes de explicar como ocorreram as conversas, é interessante mostrar as três perguntas principais que nortearam os diálogos: Sendo LGBTQ+, qual seu maior medo? Você já vivenciou alguma experiência de violência física, agressão, etc? Já teve algum pesadelo

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yyx9wMrmgXM> Acesso em: 07/2020.

¹⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/projetoariadnes> Acesso em: 07/2020.

envolvendo o fato de ser LGBTQ+? A intenção dessas perguntas era conciliar os fatos vividos (lembranças traumáticas, medos) com o universo dos sonhos (pesadelos, subconsciente). Como apresentado no primeiro capítulo deste memorial, é certo que a memória não é linear, e pode ser atravessada por inúmeros afetos, como as imagens de um “sonho ruim”.

Com o propósito nítido de escutar as vivências de sujeitos LGBTQ+ e partilhar noções do ser bicha, sapatão, queer, travesti, etc, os testemunhos ocorreram em sua maior parte pessoalmente, mas também pelo whatsapp. Preciso apontar que os participantes não eram totalmente desconhecidos, alguns são meus amigos pessoais, outros conheci através da divulgação e por redes sociais.

Todos concordaram com sua participação, a transcrição do testemunho para o produto, e a possível divulgação dos nomes. Decidi não identificar os indivíduos por segurança. Enfrentamos tempos conservadores nos quais bolsonaristas vasculham trabalhos acadêmicos com temática de gênero para praticar assédio e bullying através das redes. Posso assegurar minha defesa e falta de medo perante esses preconceituosos, mas não saberia como os participantes lidariam com isso. Por isso decidi manter o anonimato dos testemunhos.

As conversas pessoais foram incríveis e duraram o tempo necessário para cada participante. Alguns falavam mais facilmente, com descrições apuradas das vivências, e outros demoravam para concluir suas histórias. A parte dos sonhos foi a mais complicada por ser território de imagens distorcidas, e acontecimentos dúbios, no entanto, ocorreu muito bem.

Na transcrição final, algumas partes das conversas ficaram de fora, com a autorização dos participantes. A jornada de escuta empática me inspirou na escrita dos contos e na conclusão do produto. As conversas por whatsapp ocorreram através de áudios. Essa opção foi importante pois alguns indivíduos moram em outros estados.

Os títulos no início de cada testemunho foram inspirados também no Projeto Ariadnes, e ficaram dessa forma: Mutan #1, Mutan #2, etc. Sobre as conversas:

Mutan #1: O participante falou sobre seu medo da morte e um pouco sobre a solidão. Conversamos inicialmente por telefone, onde expliquei sobre o trabalho e a proposta dos testemunhos. Após o participante concordar com a metodologia do produto, enviei as três perguntas básicas para o desenvolvimento da escrita. Em seguida, ele respondeu por whatsapp narrando suas experiências.

Mutan #2: A participante testemunhou o olhar “estranho” de algumas pessoas quando está em local público com sua namorada. A conversa foi interessante pois a participante tinha

se assumido lésbica recentemente, ou seja, ainda estava assimilando o ser LGBTQ+ no mundo. As conversas para o trabalho duraram três dias, por whatsapp, onde conversamos sobre nossas vivências e impressões sobre preconceito, medo, amor, sonhos.

Mutan #3: O terceiro testemunho abordou mais precisamente o mercado de trabalho para sujeitos LGBTQ+. Após a explicação da metodologia, o participante apontou as dificuldades de ser gay dentro do meio jornalístico. A conversa agregou muito, pois o participante é um ex aluno do curso de Jornalismo da UFOP, e pudemos partilhar vivências da universidade. A entrevista se deu via vídeo conferência.

Mutan #4: O participante testemunhou inúmeras situações de homofobia, agressões e experiências da rua. Dentre os casos, optamos por colocar no trabalho as experiências em relação aos encontros por aplicativo. É importante destacar que o participante é meu amigo de infância e uma grande referência no meu processo de aceitação. Ele foi a primeira bicha que conheci na escola, o primeiro a se assumir e enfrentar o preconceito. Relembramos nossos processos de envidar, e onde chegamos. As conversas se deram por meio do whatsapp e ligação telefônica.

Mutan #5: O participante optou por enviar um texto que respondesse às três perguntas. Ele disse que preferia escrever suas experiências do que falar pessoalmente. Após o recebimento do testemunho, organizei os parágrafos do texto para melhor entendimento. O participante aceitou a formulação, e disse estar ansioso para a leitura do trabalho.

Mutan #6: As duas conversas com a participante deste testemunho aconteceram na minha casa, nas moradias da UFOP. A primeira parte foi a explicação da metodologia, o percurso do trabalho, as interações com outros indivíduos LGBTQ+. A segunda parte foi o testemunho, no qual gravei a fala da participante no celular, com o consentimento da mesma, e transcrevi para meu arquivo de testemunhos. Após as conversas, a participante disse ter adorado falar sobre bissexualidade, e completou dizendo ser um tema pouco debatido entre LGBTQ+.

Mutan #7: Enviei a proposta para a participante através do whatsapp, e após explicação mais detalhada, marcamos uma conversa no ICHS. A participante é bem jovem e recém chegada na universidade. O testemunho ocorreu de forma fluida pois transmiti confiança para a participante e a seriedade do trabalho. A conversa foi gravada e posteriormente transcrita.

Mutan #8: Além de abordar a questão da homofobia, este testemunho apresentou as consequências do racismo. Me senti representado com esta fala, o que proporcionou uma conversa incrível. Todo o processo de metodologia e escuta empática ocorreu por áudios de

whatsapp pois o participante mora em Belo Horizonte. Acredito que esse modo de diálogo ajudou a continuarmos o contato após o trabalho.

Mutan #9: A conversa com este participante foi feita por vídeo chamada. Expliquei os processos do trabalho, questões sobre o produto, etc. O participante aceitou participar de uma conversa, e em seguida, apresentei as perguntas. Com a permissão do participante, destaco que ele participou ativamente na diagramação do produto, e em discussões sobre a criação de MUTAN.

Mutan #10: A conversa desse testemunho ocorreu nas moradias da UFOP. A participante narrou algumas situações envolvendo homofobia e abuso psicológico de maneira consistente e sincera. Confesso que este testemunho foi o que mais me afetou. Foi difícil escutar sobre os abusos e permanecer firme. Quase não falei ou fiz perguntas, pois a participante tinha nítida a linha de acontecimentos que queria traçar. Ao final, ambos nos agradecemos pela experiência. Eu estava tão afetado que não consegui prosseguir com outros assuntos, nos despedimos e eu disse que manteria contato.

O processo de transcrição dos testemunhos aconteceu de maneira rápida, com o intuito de prezar a narrativa dos participantes e garantir um bom entendimento ao leitor. A curadoria dos testemunhos em contraste com os contos foi feita em conjunto com o diagramador, levando em consideração as temáticas de cada história.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A Narrativa é precisamente aquilo que permite que o Tempo se mostre”. (BARROS, 2012, p. 26). E estamos vivendo tempos sombrios, onde narrar a si mesmo é um embate territorial. Onde ficção e acontecimento se entrelaçam. O real se modifica, as vozes se ampliam, a luta por lugares de fala é constante. Todos querem dizer algo sobre suas vivências, e devem fazer isso, pois narrar possibilita presença. De vida e de história.

Em um momento tão difícil, em que uma pandemia se instaurou devido ao COVID-19¹⁶, e o mandato do atual presidente Bolsonaro afeta negativamente¹⁷ a vida de grande parte da população brasileira, continuar pesquisando gênero e produzindo narrativas é uma tarefa de resistência.

¹⁶ Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca> Acesso em: 07/2020.

¹⁷ “O golpe de Bolsonaro é pela família, contra a nação” : https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/22/politica/1558536541_227291.html

Falar sobre os diversos aspectos da vida de LGBTQ+ é ocupar outros espaços, que não sejam o das histórias que foram contadas inúmeras vezes (sobre a branquitude heteronormativa) e sim, sobre nossas experiências plurais.

Este trabalho sempre teve o objetivo de inspirar o testemunho e o exercício de contar histórias, fictícias ou não. E também aprimorar a escuta humanizada, nos processos de perceber o outro, suas subjetividades, seus modos de narrar.

Mais do que nunca, é tempo de estar atento às narrativas, principalmente os profissionais da comunicação. A imprensa está passando por diversos ataques¹⁸ de bolsonaristas, e enfrenta os perigos de transmitir notícias do atual momento do país. No entanto, optar por um jornalismo comprometido com a sociedade é tarefa importante.

Ainda que a esperança possa parecer opressora agora, a história continua. Expandir nossas vozes (bichas) impulsiona não aceitar o silêncio por apatia, pelo contrário, nos induz a construir novos mundos. MUTAN é o início de minha construção.

A jornada deste trabalho (memorial e produto) foi uma das experiências mais enriquecedoras da minha vida. Ele representa o término de minha trajetória na UFOP, os aprendizados nas aulas, as discussões, e principalmente minhas transformações pessoais.

Em MUTAN encontro meu corpo, meus pensamentos, meus traumas, meus anseios. Ao escrever este trabalho, sobrevivi, mas também tive a coragem de “matar”. Matar coisas em mim que não faziam sentido. Ou que me faziam sofrer. Como enfatiza a artista Linn da Quebrada, inspiração que me mantém prosseguindo, mate & morra. morte & vida. Toda criação é também um ato de destruição.

Espero que o leitor encontre algo ao ler este trabalho, que possa transformá-lo de alguma forma, assim como eu me transformei.

6 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, B. B. de. **A narrativa jornalística e a construção do real**. 2011. Disponível em: <<http://bocc.unisinos.br/pag/araujo-bruno-a-narrativa-jornalistica-construcao-real.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2020.

ARFUCH, Leonor. **O Espaço Biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. TRad:Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BARROS, José D'Assunção. **Tempo e narrativa em Paul Ricoeur: considerações sobre o círculo hermenêutico**. In: Fênix - Revista de História e Estudos Culturais. UFU, Uberlândia, MG, vol. 09, ano 12, n.01, p.01-27. Disponível em:

¹⁸ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/manifestantes-pro-bolsonaro-agridem-e-ameacam-jornalistas-em-ato-no-planalto-veja-video.shtml> Acesso em: 07/2020.

<[http://www.revistafenix.pro.br/PDF28/Artigo_9_Jose_D_Assuncao_Barros pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF28/Artigo_9_Jose_D_Assuncao_Barros_pdf)> Acesso em: 22 de maio de 2020.

BOURCIER, Marie-Hélène/Sam. **Entrevista realizada por Pedro Paulo Gomes Pereira.** CULT, n. 205, 2015, p.11-15.

BRAVO, Juliana. **Do “Eu” ao “Outro”: a estilização do corpo queer.** Revista Periódicus, Salvador, n. 3, v. 1, mai.-out. 2015. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/14258/9860>> Acesso em: 17 de abril de 2020.

BULHÕES, Marcelo. **Ficção Nas Mídias, a um Curso Sobre a Narrativa nos Meios Audiovisuais.** São Paulo: Ática, 2009.

CORTÁZAR, Julio. **Alguns aspectos do conto** – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

CORTÁZAR, Julio. **Valse de carnetu.** sh, Paula: Perspective, 2006, p. 147-163. Debates, 54

DELEUZE, Gilles. **Spinoza et le problème de l’expression** (Minuit, 1968) e Espinosa: filosofia prática. Escuta, 2002.

DERRIDA apud CASADEI, E.; VEN NCIO, R. **O testemunho do fato: estratégias retóricas em programas jornalísticos.** In SOARES, R. L.; GOMES, M. R. (Orgs) Profissão Repórter em diálogo. São Paulo: Alameda, 2012.

ENG, David; HALBERTAM, Judith; MUNOZ, Esteban. **What’s Queer about queer studies now?** (Introduction). Durham/London, Duke University Press, 2005, p.1-17.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay.** Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FOLLAIN, V. L. **Encenação da realidade: fim ou apogeu da ficção?** Revista Matrizes, ano 3 – N°1, ago/dez. 2009. Disponível em <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/viewFile/119/193>>. Acesso em: 12 de abril de 2020.

GADELHA, Kaciano; COSTA, Pêdra. **DeCulonização e diásporas trans: uma entrevista com Sanni e Pêdra Costa por Kaciano Gadelha.** In: Revista Periódicus, Salvador, n. 7, v. 1, maio-out.2017. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/22289>> Acesso em: 12 de maio de 2020.

GAI, E. **Narrativas e conhecimento.** Revista Desenredo, 5(2). 2010. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/1247>> . Acesso em: 9 abril. 2020.

GAY, Roxane. **Fome - Uma autobiografia do (meu) corpo.** Rio Grande do Sul: Globo Livros, 2017.

GOTLIB, Nádía Battella. **Teoria do Conto.** 10. ed. São Paulo: Ática, 2004.

KOLINSKI, Felipe Viero. **Homens que se veem : masculinidades nas revistas Junior e Men’s Health Portugal** – Ouro Preto : Editora UFOP, 2018.

LE GUIN, Ursula K. **A mão esquerda da escuridão**/Ursula K. Le Guin; tradução Susana L. de Alexandria. -- 2. ed. -- São Paulo: Aleph, 2014.

LEAL, B. S. **Jornalismo à luz das narrativas: deslocamentos** In: Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas. 1 ed. São Paulo : Intermeios, 2013, v.1, p. 25-48.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. 1. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.90.

MANSUR, Ana Paula de Castro. **O Jornalismo na Era do Testemunho**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em <<https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/3599/1/AMansur.pdf>> . Acesso em: 12 de abril de 2020.

MUÑOZ, José Esteban. **Fantasma do sexo em público: desejos utópicos, memórias queer**. Revista Periódicus, Salvador, n. 8, v. 1, nov.2017-abr.2018. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/24603/15517>>. Acesso em: 18 de abril de 2020.

PELÚCIO, Larissa. **Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil?** In: Revista Periodicus, Salvador, Ed. 01, 2014. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/10150-28434-1-PB.pdf>>. Acesso em: 12 de maio de 2020.

PERRA, Hija de. **Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma**. In: Revista Periódicus, Salvador, Ed.02, 2014. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/12896>>. Acesso em: 12 de maio de 2020.

POE, Edgar Allan. **Review of Twice told tales (1842)**. In: May, Charles E., ed. Short story theories. Op. cit. p. 45-52.

PRECIADO, P. B. **Manifesto Contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRINS, Baukje e MEIJER, Irene C. **Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler**. Revista Estudos Feministas. V. 10 (1), 2002.

REA, Caterina Alessandra. AMANCIO, Izzie Madalena Santos. **Descolonizar a sexualidade: Teoria Queer of Colour e trânsitos para o Sul**. Cadernos Pagu , n.53, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/cpa/n53/1809-4449-cpa-18094449201800530015.pdf>>. Acesso em: 12 de maio de 2020.

RICOEUR, Paul. **Entre tempo e narrativa: concordância / discordância**. Kriterion , Belo Horizonte, v. 53, n. 125, p. 299-310, junho de 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2012000100015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 de abril de 2020.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tomo I. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RODRIGUES, Selma Calasans. **O fantástico**. São Paulo: Ática, 1988. (Série Princípios).

ROSENFELD, Anatol. **Reflexões sobre o romance moderno**. In: __ Texto e contexto. São Paulo, Perspectiva, 1973. p.75-97.

SÁEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Por el culo. Políticas anales**, 2014.

SELLIGMAN-SILVA, Márcio. **Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas**. Revista de Psicologia Clínica, Vol. 20, nº 1, Rio de Janeiro, p. 65-82, 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05.pdf>> Acessado em: abril de 2020.

SELLIGMAN-SILVA, Márcio. **Testemunho e a Política da Memória: O tempo depois das catástrofes**. Proj. História, São Paulo, (30), p. 71-98, jun. 2005. Disponível em <[http://www4.pucsp.br/projetohistoria/downloads/volume30/04-Artg-\(Marcio\).pdf](http://www4.pucsp.br/projetohistoria/downloads/volume30/04-Artg-(Marcio).pdf)> Acesso em: abril de 2020.

SILVA, Marconi. **A notícia como narrativa e discurso** in Estudos em Jornalismo e Mídia, v.4. 2017. Disponível em: <<http://journal.ufsc.br/index.php/jornalismo/issue/view/335/>>. Acesso em: 18 jun. 2020.

SOARES, Mayana Rocha. **“Um cu muito bonito, o da bicha”**: notas de uma escritura queer em João Gilberto Noll. Revista Periódicus, Salvador, n. 4, v. 1, nov.2015-abr. 2016. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/15419>>. Acesso em: 3 de maio de 2020.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VARJÃO, João Vittor Gomes. **“Quer me tributar, me chupar, foderme porque sabe que é maravilhoso serfresco”**: a poesia-bicha de Paulo Augusto. Periódicus, Salvador, n.11, v. 1, mai-out.2019.